



O último BILIONÁRIO SOLTEIRO

PIPPA GRANT

Capítulo extra

Hayes Rutherford, também conhecido como um homem que redescobre as alegrias da vida

A Begonia está perplexa.

É um olhar adorável, mas não lhe vou dizer isso. Não quando sinto que a *perplexidade* se pode transformar em *irritação* a qualquer momento, e ninguém gosta de estar irritado.

– Não está aqui – diz ela.

Estamos num campo de milho no Iowa, o que é uma afirmação que nunca pensei ouvir-me dizer. Uma vez, o Jonas filmou um filme num milheiral e eu recusei-me educadamente a visitá-lo no cenário.

O milho é um dos vegetais de que menos gosto, provavelmente porque não sei se é um vegetal ou um amido, e nunca me interessei o suficiente para aprender a diferença quando existem couves-de-bruxelas e cenouras.

Sim, sim, mais razões para os média me terem chamado esquisito quando era criança. Provavelmente também não devia ter falado de legumes naquela entrevista infernal.

Mas não é importante.

O que é importante é que o GPS do telemóvel da Begonia diz que devíamos estar mesmo em cima de uma *geocache** e, no entanto, não há nada a não ser terra e plantas de milho ásperas à nossa volta.

– Se calhar mudaram-na de sítio...? – sugiro.

* Uma *geocache* é um recipiente escondido em qualquer local do mundo e que pode, ou não, possibilitar a troca de objetos entre os praticantes da atividade *geocaching*. (N. do E.)

O *Marshmallow* puxa a trela. Olho para baixo para lhe dizer que espere um momento, e ele lança-me um olhar de *não seja idiota*.

O cão é muito expressivo.

E eu não hesito em rir-me dele.

– O quê? – pergunto-lhe. – Ias insinuar que ela não sabe ler coordenadas GPS? Sugiro que não o faças, se queres a *boa* comida de cão para o jantar de hoje.

A Begonia olha para mim.

Eu aponto para o cão.

– Ele olhou para mim com ar esquisito.

– Acho que o GPS do meu telemóvel não é suficientemente exato.

– Ah, isso é uma possibilidade concreta.

– Então temos de continuar a procurar nesta área em geral.

Tiro a mão do bolso do meu casaco leve e pego num outro aparelho.

– Ou podemos tentar isto.

– Hayes.

– A escolha é tua, jacinto-bravo. Se preferires, posso ficar perdido num milheiral contigo durante horas. *Há* algo a dizer sobre a alegria da antecipação e de não seguir o caminho mais fácil. Ou, se quiseses encontrar o teu prémio rapidamente para também podermos explorar a feira da cidade enquanto estamos aqui...

Não estou a troçar dela. A verdade é que ficaria mesmo muito contente por me perder em qualquer lado com ela, e sei que ela gostaria de fazer as duas coisas.

Aparentemente, a Begonia e o bolo de funil são melhores amigos há muito separados.

Palavras da Hyacinth, não minhas.

Mas a questão mantém-se. Eu cá fico contente por fazer qualquer das coisas, por isso deixo a Begonia escolher.

Os olhos dela vacilam. Ela morde o lábio e olha para o telemóvel, depois para o aparelho de GPS mais preciso que eu comprei quando a Begonia descobriu que o *geocaching** existia. Estamos aqui, em parte, para ver se

* *Geocaching* é uma atividade similar a uma caça ao tesouro, em que os seus praticantes procuram objetos escondidos, as *geocaches*, através de coordenadas GPS. (N. do E.)

vale a pena incluí-lo como parte do programa do campo de férias no próximo ano e, em parte, porque é uma forma inesperadamente divertida de abraçar o mundo.

E embora pudéssemos ter encontrado uma *geocache* em quase todo o lado, *esta geocache* em particular é um primeiro tesouro inesperadamente perfeito para procurar.

– É mais exato? – pergunta ela com um aceno de cabeça para o dispositivo na minha mão.

– É o encontro da arte com a ciência.

– E há uma feira na cidade?

– Disseram-me que é o festival das colheitas. Com bancas de comida.

Ela olha novamente para o aparelho na minha mão, depois mais uma vez para o telemóvel, e o seu sorriso floresce quando ela pega no aparelho de GPS.

– Então, vamos aproveitar o dia de hoje para termos a diversão *toda*.

Frustração ultrapassada, ela lidera o caminho, levando-nos para fora do milheiral de uma forma sinuosa que implica dar duas voltas, mas sempre com uma gargalhada.

– Há uma razão para eu ter enveredado pela arte e não pela engenharia – diz-me ela.

– Adoro a tua arte.

Ela ri-se novamente.

– O meu trabalho em barro?

– O meu absoluto favorito.

– É *horrível*.

– É lindo, porque foste tu que o fizeste.

– Os salpicos de tinta cor-de-rosa foram uma má ideia. Nem tu podes negar isso.

Começo a contestar, lembro-me da caneca cor-de-rosa pálido que mais parece um pénis murcho e achatado e, em silêncio, reconheço que ela pode ter razão.

Também aceno com a cabeça para uma casa de campo que se avista.

– Ah, estou a ver que o nosso prémio *não está* dentro do campo de milho.

Ela aponta para longe da casa.

– Acho que é por aqui.

Passamos para uma zona arborizada, ao som de uma voz monocórdica que começa a ficar mais alta à medida que Begonia abre caminho.

– Isto faz muito mais sentido – diz ela. – Acho que agora estamos num parque estatal ou assim.

– É lindo.

O *Marshmallow* ofega alegremente, como se também ele estivesse inesperadamente encantado com a floresta à beira de um campo de milho. A voz monótona fica mais audível. A Begonia grita baixinho.

– Oh! Estamos quase a chegar! Por aqui. Acho que sim, não, espera, *sim!* Por aqui!

Ela vira-se abruptamente e arranca tão depressa que o *Marshmallow* se lança, puxando-me pelos braços, o que não teria mal se não houvesse um ramo no caminho em que não reparo até tropeçar nele.

Caio de cara no chão.

O *Marshmallow* foge, a trela escorrega-me da mão enquanto me esforço por me pôr de pé.

E a Begonia para, como se não tivesse a certeza de qual de nós ajudar primeiro.

– Vai lá – gaguejo, a boca cheia de folhas secas. – Eu estou bem.

Possivelmente não estou bem. Sinto uma pontada no tornozelo, as minhas mãos estão arranhadas e algo está a picar-me a cara. Mas *vou* ficar bem.

O *Marshmallow*, no entanto... Bem, ele ainda tem trabalho a fazer para se tornar no *seu* melhor, que é algo que infelizmente nem sempre reconhece.

– Chama-me se precisares de mim, mas nós voltamos num minuto – diz Begonia, e depois sai a correr atrás do cão, que *claramente* decidiu que precisa de alguma coisa.

Estou a pôr-me de pé e a testar o tornozelo quando ouço o primeiro grito.

Passa um segundo.

E depois a voz da Begonia.

– *Marshmallow. Larga isso!*

Mais três gritos e um arquejo. Tento acelerar o passo, mas o meu tornozelo resiste.

– Não, *Marshmallow*, não largues isso! – grita a Begonia.

Consigo ouvi-los, tão vividamente, que eles conseguirão ouvir-me. Não estão muito longe.

– *Marshmallow*, para! – ordeno eu.

– Tia Fenella! – Alguém grita.

– Ela deve estar cagada de medo – diz outra pessoa.

Ouve-se um pigarro pomposo, e a mesma voz acrescenta:

– Ah, quer dizer, deve estar *fora de si*.

– A velha merece – diz outra voz, enquanto eu coxeio à volta de uma árvore.

Aparece um grupo de pessoas, algumas vestidas de preto, outras de cores vivas.

Há um padre.

Um ramo de flores.

E a Begonia a olhar fixamente para o *Marshmallow*, cuja cabeça está virada para o lado, com o maxilar tão aberto quanto possível para abocanhar uma urna.

– Peço imensa desculpa – diz ela ao padre. – Já passaram seis semanas desde o último incidente. Devia ter antecipado que estávamos prestes a ter um problema. Peço imensa desculpa.

Marshmallow faz um ruído ofendido.

– Pousa isso – ordeno-lhe.

Ele olha-me de lado.

– Larga – repito.

– *Oh meu Deus, é o Hayes Rutherford* – suspira uma das carpideiras.

Um senhor mais velho e corpulento resmunga e bate com a bengala no chão.

– A Fenella definitivamente não merecia *isto*.

– Ela era a tua maior fã – diz-me uma mulher mais nova.

Eu pisco os olhos.

– Perdão?

– Ela ia ficar toda cagada se soubesse que os seus ricalhaços rabugentos favoritos apareceram no funeral dela – diz um homem de meia-idade.

Pigarreia e olha para o padre. – E desta vez não vou pedir desculpa. Vocês conheciam-na. Ela *era* uma chata de merda.

– Ela tinha os seus momentos – diz a mulher mais nova.

– *Marshmallow, por favor*, pousa a urna – diz a Begonia ao cão. – Estamos a fazer *geocaching*. Não estamos a invadir funerais.

– *Oh!* Estás à procura do pau Bellissimo, ou lá o que é? – diz o tipo que gosta de dizer *cagada*.

A Begonia arqueja.

– Queres dizer *Bellitano*?

– Sim, essa coisa.

– *O prémio da geocache é um Maurice Bellitano?*

– Sim, está mesmo ali, debaixo daquilo...

– A senhora prefere ser ela a identificar o prémio – interrompo.

A Begonia está agora a olhar para mim, enquanto o cão continua a segurar a urna, aparentemente a tia Fenella, na mandíbula.

– *Estão a esconder um Maurice Bellitano como prémio da geocache?*

Limpo a garganta.

– *Marshmallow*, se não depositares imediatamente essa urna no chão onde a encontraste, instalo dispositivos de segurança para crianças em todas as portas da quinta.

O cão gane e baixa-se para o chão, com a urna ainda presa na mandíbula.

A Begonia continua a olhar para mim como se eu fosse o seu herói.

– Trouxeste-me para encontrar um Bellitano.

– Isso é alguma coisa de especial? – diz o fala-barato que estragou a surpresa.

Ela abraça-me de qualquer maneira, depois atira a cabeça para trás e ri-se.

– És o melhor homem de todo o planeta.

– Estou apenas a tentar ser suficientemente bom para te merecer continuamente – murmuro de volta.

Ela encosta os lábios aos meus, mas para quando alguém arqueja atrás de nós.

Ambos nos encolhemos quando ela deixa cair os braços e se vira para olhar para o cão.

– *Marshmallow* – dizemos juntos.

Ele choraminga, depois solta a urna, que cai para o lado, espalhando as cinzas pelo chão.

– Boa viagem para a velha bruxa – diz o senhor mais velho. – Podemos comer bolo agora?

– A tia Fenella não tinha nada de bom? – pergunta a Begonia.

A pequena família olha para ela.

– Ela teria dito que tinha bom gosto para namorados – diz finalmente um dos rapazes. – Ela costumava recortar todos os artigos sobre ele. Não que fossem muitos. Mas achava que ele era o mais bonito dos dois irmãos.

As minhas bochechas ficam quentes.

– Mas ela também esperava que os extraterrestres triunfassem naquele filme com o Will Smith – diz uma das mulheres mais novas.

– E também sempre quis que o Indiana Jones perdesse – diz outro membro da família.

A Begonia põe a mão na minha e aperta.

– Ela parece, hum, um pouco atormentada. Espero que a alma dela esteja em paz agora. *Marshmallow*, quem é um bom menino que quer... *Marshmallow*!

Claro que o cão largou a urna.

Apercebeu-se de que o brinquedo para mastigar com o seu sabor preferido está escondido num cepo de árvore oco no limite da clareira.

Estalo os meus dedos.

O *Marshmallow* sorri à volta do Bellitano.

A Begonia abafa uma gargalhada.

Eu testo o meu tornozelo, depois aceno para a família.

– Condolências, ou talvez parabéns, pela vossa perda. Peço desculpa pela interrupção. Vamos recuperar a escultura do nosso cão e seguir o nosso caminho.

– Estamos sempre com esperança que alguém a leve – diz um dos membros da família.

O tipo mais velho acena com a cabeça.

– A Fenella foi tão parva ao insistir que o artista a usasse como modelo, mas não se parecia nada com ela.

A Begonia praticamente enfia o punho na boca para não se rir outra vez.

Ela é uma alegria total, e eu não consigo reprimir o meu próprio sorriso enquanto a observo.

– Podiam ficar por cá – diz a mulher mais nova. – Temos bolo suficiente para trinta pessoas, já que era o tamanho mais pequeno que tinham. E eu posso mostrar-te todos aqueles recortes de notícias que a tia Fenella guardou de ti.

A Begonia olha para mim.

Os seus lábios tremem outra vez.

Eu conheço esse tremor.

É pura diversão.

Pestanejo para ela uma vez, depois duas, e depois suspiro.

– Vamos? – pergunto-lhe.

Ela faz um ruído esganiçado, claramente ainda lutando para não se rir.

– Se vamos invadir um funeral, mais vale fazê-lo como deve ser.

E assim fizemos.

E mais tarde nessa noite, depois de eu ter comprado um bolo de funeral para o meu amor, instalámo-nos numa pequena pensão nos arredores da cidade.

– Espero que um dia alguém invada os nossos funerais – diz ela enquanto se deita na cama ao meu lado.

Levanto uma sobrancelha.

– Esperas?

– Espero. E espero que as nossas famílias os recebam e lhes contem todas as nossas histórias engraçadas e que essas pessoas passem o resto das suas vidas a sorrirem de modo imprevisível sobre aquela vez em que acidentalmente invadiram um funeral. – Ela desliza a mão pela minha coxa e inclina-se para me dar um beijo no maxilar. – E também espero que este não seja o dia mais estranho que passamos juntos entretanto.

Passo o braço à volta dela e inclino-me para lhe acariciar o pescoço.

– Meu querido jacinto-bravo, posso garantir-te que vamos ter muitos, *muitos* mais dias estranhos.

E eu tenciono desfrutar de cada um deles.